

REVISTA
DE
Arte e critica
SERIE 1.^a
Fasciculo n.º 1

AVE-AZUL

DIRECTORES:
Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, 15 DE JANEIRO DE 1899

R77



AIS uma revista — e revista litteraria... — em Portugal — e em Vizeu... — caso é para surprehender mesmo quem use o anaglypho — pedra que, segundo crença antiga, faz com que quem a traga de coisa alguma se admire. Urgente se torna pois, justificar a sua appareição; e este, claro está, para tal effeito o devido logar.

Como justificar porem, um gosto? — Gostos não se discutem; nem se justificam tão pouco. Esta revista apparece, porque tal foi nossa vontade. *Trahit sua quemque*...

Mas prescindamos do latim do poeta, muito embora elle tenha aqui perfeito cabimento.

Não vem, como é praxe dizer-se, preencher uma lacuna, porque, se em Vizeu até hoje não havia uma revista litteraria, algumas, se bem que poucas, se publicam em Portugal, e, entre ellas, justiça é dizel-o, uma ou outra de merecimento.

Não traz no seu programma uma nova theoria de arte por cuja propaganda venha terçar armas: e, que a trouxesse, não fôra isso razão que justificasse nem sequer que explicasse a sua entrada na arena, porquanto de theorias e de escholas ha que farte, infelizmente, os mais exigentes de novidades e... de excentricidades tambem.

Não a inspiram calculos de lucro; desejos de celebridade

muito menos. Quanto a lucro: quem bem conhece o nosso meio sabe bem quanto é difficil ganhar pela penna o indispensavel para viver parcamente, mesmo aos que da penna fazem officio, quanto mais a quem da penna faz simplesmente distracção innocentissima das poucas horas que o cumprimento, na medida das suas forças escrupuloso, das suas obrigações officiaes lhe deixa vagas no dia. Quanto a celebridade (eu ia a escrever celebreira...): pretender por meia duzia de paginas mensaes, publicadas neste cantinho da Beira, uma cadeira na Academia — já não fallo d'uma sepultura nos Jeronymos... — infantilidade tal se nos antolha que, com toda a nossa modestia, não suppomos nos deva ser attribuida.

— A que vem pois, a *Ave-Azul*?

— A *Ave-Azul* pois, o que é?

A que vem?! — vem gorgear a sua canção de sonho; ou melhor: realisar o sonho da sua canção. A todos quantos — e são tantos! são todos: pois não é verdade?... — a todos quantos a faina da vida absorve e consome, vem ella pedir-lhes uma hora em que, repoisados, lhe escutem o canto ingenuo mas, por isso mesmo talvez, agradável, suggerindo-lhes por ventura, assim, novas forças para as quotidianas canceiras. Não é o canto, na nossa terra, parte obrigada dos trabalhos agricolas? — pois, porque não o ha-de ser tambem de todos os outros trabalhos?... A hostilidade da formiga para com a cigarra é, creio eu, uma fabula e nada mais: a verdade é que as formigas devem até amar (e amam: asseguro-lhes eu; muito embora me custe deveras taxar assim de falsos os meus confrades na poesia que em tal assumpto se mostraram mais... poetas que naturalistas!) devem até amar e amam as cigarras que, emquanto ellas, as formigas, vão moirejando e enceleirando para o inverno, vão, ellas, as cigarras, cantando e descantando numa imprevidencia que se torna uma providencia: — pois que, cantando, prodigalisam a alegria que é o pão da alma a quem procura, tressuando, o pão que é a alegria do corpo.

E que isto assim é proval-o-ia de sobejo, se preciso fos-

se, a generosidade com que acolheram o nosso convite as senhoras e os cavalheiros a quem previamente nos dirigimos, a fim de podermos iniciar esta publicação sem tanto risco de a vermos morta ao nascer, como a tantas outras empresas do mesmo genero tem succedido no nosso paiz. Forte das sympathias — que ella fará por tornar merecidas — d'esse pequenino mas delicado publico (pequenino, mas muito superior á nossa expectativa...) formado pelas pessoas que ou nos enviaram o seu nome ou nos não devolveram a nossa circular, e que, por tal motivo, ficam considerados nossos assignantes, a *Ave-Azul* abre as azas, confiadamente, ao sol de Deus, no ceo azul como ella, acima das impuresas da terra, acima das paixões do homem, acima das miserias do seculo — *aethere puro*...

O que é?! — A umas encantadoras creanças, filhas d'um amigo meu a quem ellas assediavam com esta mesma pergunta — Papá! a *Ave-Azul* o que é?!... — respondi eu, vae para um mez, com as seguintes quadrasinhas, que, já agora, para aqui transcrevo, não porque ellas m'o mereçam, mas porque m'o merecem as minhas queridas amiguinhas que por sem duvida vão ficar muito satisfeitas ao verem os meus hieroglyphos passados para letra redonda, que todos entendem, louvado Deus: todos: quer dizer: os pouquissimos que neste nosso abençoado cantinho gosam o requintado luxo de saberem ler — mesmo por baixo de lettra, como se dizia nos meus tempos de rapaz.

A AVE-AZUL



A's minhas encantadoras amiguinhas
Bertha e Branca,
Filhas do meu bom amigo Dr. Poncio Martins

Minhas loiras amiguinhas,
Meus pequeninos amores:
—Faces rosadas de flores,
Azas leves de andorinhas!

Pois que sabel-o deseja
Vosso espirito—uma aurora—,
Vou eu dizer-vos agora
A *Ave-Azul* o que seja.

AVE-AZUL

Os outros hão-de sabel-o
Mais tarde—lá p'ra janeiro...—;
Mas a vós hei-de eu primeiro
Muito em segredo dizel-o.

Numa terra muito longe
D'esta terra onde nascemos...
(E vivemos e morremos
D'olhos no Ceo, como um monge !)

D'esta terra miseravel,
Que vedes alegre e eu triste,
Sabeis, meus anjos, que existe
Um Paraíso ineffavel...

Um doirado Paraíso,
D'onde viestes um dia
Para dardes alegria
Aos vossos paes—num sorriso.

Pois lá na radiosa altura
Que não de todo esqueceste
Vós que ainda de celestes
Tendes a graça e a candura :

Lá cima, no Azul ethereo
Onde brilham as Estrellas
Que são como que janellas
Abertas sobre o Mysterio :

Canta de noite e de dia
Longe da nossa atmosphaera,
No froixel d'uma queimera,
A *Ave-Azul* da Poesia...

Ora eu que ás noites costumo,
Lançar os olhos no espaço
E, fumando, em doido abraço
Apertar... nuvens de fumo :

A's vezes—como dizer-vos
O sonho em que ando suspenso ?!...
Não sei como isto é, mas penso
Ter azas, em vez de nervos ..

E subir, subir voando,
Como a alegre cotovia,
Lá cima, onde essa harmonia
Me está a alma chamando.

Vae outra alma co'a minha :
Vae co'ella...—ou ella m'a leva
Para bem longe da treva
Da nossa vida mesquinha !—

E ambos lá cima escutamos,
De tudo o mais esquecidos,
Esses cantos nunca ouvidos
Que nós depois recordamos :

—Depois...já quando, esgotada
A força com que subimos,
Cá em baixo ainda sentimos
Essa harmonia encantada !

Pois essa harmonia d'ella,
Da *Ave-Azul* encantadora,
E' que tentamós agora,
Se fôr possível, vertel-a

P'ra nossa pobre linguagem
Que mal pode dar ideia
Do canto d'essa Sereia,
Do encanto d'essa Miragem !

Mas, em summa, quem bem queira
Suba, como nós subimos,
E ouça, como nós ouvimos,
Essa *Ave-Azul* feiticeira...

Que tudo pode a vontade,
Quando a vontade é deveras :
—Desejos, sonhos, quimeras
São a pura realidade,

E é assim que nós queremos ;
E' assim que nós sentimos :
E é assim que nós ouvimos
O... o que dizer não sabemos !

Se a gente, numa demencia,
Do Sonho que está cá dentro
Faz, p'ra assim dizer, o centro
De toda a nossa existencia.

E agora que eu, tão de prompto,
Satisfiz vossos desejos,
Venham-me, em paga, dois beijos...
—Obrigado ! —e ponho ponto.

Mas vá a resposta, em verso, para as creanças e, por honrosa concomitancia, para as damas que por ventura illuminarem estas paginas com um olhar de sympathia...

Aos homens responder-lhes-ei eu, em chilha prosa, que a *Ave-Azul* é, pura e simplesmente, uma revista de arte e critica : mais nada. Nas suas paginas se recolherão versos, quanto possamos, bons; prosas, quanto possamos, correctas ; e, pois que, como disse o Poeta :

Quem não sabe a arte, não na estima...

uma vez por outra, para não abhorrecer demasiado, umas notas de Esthetica, ligeiras, comesinhas, ao alcance de todos, de pura vulgarisação.

Todas as mais secções, annunciadas no prospecto, serão meramente noticiosas, mas apenas relativas a *Artes e Letras* : porquanto de tudo o mais que neste nosso globo se passa ha um nunca acabar de jornaes para informação que, de minuciosa, chega por vezes a causar nausea... a quem, como eu, não peque muito pela curiosidade.

*

Terminando : — aos assignantes da *Ave-Azul*, com os nossos agradecimentos, as nossas boas-festas e sinceros votos para que o anno, que ora começa, para todos seja prodigo de alegrias e felicidades ; e aos nossos collegas da Imprensa os nossos cumprimentos e desinteressados protestos de boa camaradagem.

E agora — avante, com a graça de Deus.

CARLOS DE LEMOS.

João de Deus



(Commemorando o terceiro anniversario da sua morte)



ESMO depois de morto, João de Deus é um vivo exemplo e um protesto vivo: um protesto como homem e como poeta; como poeta e como homem um exemplo; — na vida e na obra, protesto eficaz e salutarissimo exemplo. Numa epocha de egoismo infrene e de infrene cabotinagem, ensinou-nos com a sua vida e com a sua obra o mais profundo desinteresse e a sinceridade mais profunda; e com a sua obra e com a sua vida affirmou bem eloquentemente o seu protesto contra os partidos — Synagogas da Vaidade — e contra as escholas — Penitenciarias do Talento. Assim, sem ser um politico, foi patriota; e, sem ser um estheta, foi mestre.

Tambem, como em nenhum outro, Vida e Obra dão-se nelle as mãos, consorciam-se, identificam-se numa harmonia inegualavel, suprema, unica: uma é a rasão de ser da outra e a sua justificação plenissima. O segredo da sua Arte está no theor da sua Vida: poetou como viveu; viveu como poetou: o homem e o poeta — esta dualidade, para tantos, ai! em quotidiana e absorvente lucta — formavam nelle uma unidade apenas: — uma unidade: isto é: uma Harmonia.

Espiritualisou-se-lhe a Carne? materialisou-se-lhe o Espirito? — Uma e outra coisa: por isso o poeta é divino e é humana a sua poesia; divino, no sentido em que todo o verdadeiro poeta o é; humana, no sentido em que toda a poesia verdadeira o deve ser. Por isso é que a sua obra, por-

que foi um protesto, é também um exemplo : como a sua vida, porque foi um exemplo, é um protesto também.

A sua apathia era uma revolta; a sua passividade era uma força. Outros desfraldaram aos quatro ventos o pendão de guerra e floreteram ao clarão das barricadas o gladio d'exterminio: elle não: recolheu-se ao seu isolamento; remetteu-se ao seu silencio; e deixou passar a onda; deixou calmar a febre; deixou bater a hora...

E os que passavam, d'olhos em braza, abroquelados, para o combate, ao verem-o, d'olhos scismadores, contemplando as estrellas, diziam, com um sorriso desdenhoso a sangrar-lhes nos labios brancos d'indignação : — E' um *poeta*...

Feriram-se os combates formidandos : quebraram-se umas de encontro ás outras, as espadas d'aço fino; escabujaram, numa vertigem, vaidades e ambições; interesses e animosidades em sangue e em lama se subverteram; e, ao fim do dia, quando a agonia do sol clareou d'uma gloria fatua a agonia das estereis luctas, os que voltavam agora, vencidos e vencedores, de cabeça baixa todos, mais vexados por ventura estes do seu triumpho que da sua derrota aquelles, encontraram no seu caminho o Poeta com a tarefa do seu dia concluida...

E onde todos elles tinham feito a treva, accendeu elle a luz; e onde todos elles tinham desencadeado o Cahos, estabeleceu elle a Ordem; e no silencio que cahira, pesado e frio como um marmore, sobre o miserando desmoronamento de tudo, naquelle silencio, de morte ergueu a voz do Poeta o seu hymno de Vida!...

— Assim cantou Moysés do outro lado do Mar-Verme-lho...

E viu-se então que o Poeta era um Paladino : que o Trapista era um Apostolo : e que a sua revolta era uma revindicação, porque a sua força era a Bondade.

— D'ahi a sua Apotheose.

Teve-a Voltaire após sessenta annos de combate; após sessenta annos de combate teve-a Victor Hugo também.

ambos trabalharam por merecel-a; e, bem merecida, a obtiveram por fim. Mas sob a corôa dos loiros escorria-lhes o suor da fadiga: sob a purpura dos vencedores cahiam-lhes os braços vencidos: do Thabor aonde agora subiam avistava-se ainda o Gethsimani onde ha pouco haviam ajoelhado...

João de Deus, esse, triumphou sem combater: chegou ao Alto sem dar por isso: viu-se glorificado sem bem saber porquê.

Mais: — muitos, a maior parte, dos que nesse dia o acclamaram, na vespera mal pensavam nelle, se accaso lhe sabiam o nome.

Não, que lhe ignorassem os versos: mas eram elles de João de Deus? eram elles de João Fernandes? — isso é que elles não sabiam. Eram lindos versos: isso bastava: e cantavam-os. As cantigas do povo tambem são anonymas: por isso são eternas: por isso, de paes a filhos, todos as sabem tambem.

Como foi pois, que, d'um dia para o outro, João de Deus se tornou conhecido e, simultaneamente, consagrado?

Uma revelação? — não: a obra de João de Deus estava de ha muito feita: ha muito tempo já que a *Cartilha-Maternal* allumiava o espirito das creanças e o *Campo-de-Flores* enternecia o coração dos homens...

Simplesmente — os que nesta terra fazem e desfazem reputações, cançados de erguer idolos e de abater idolos, calaram nessa hora as tubas, cruzaram nessa hora os braços: e o Seculo-XIX, este seculo egoista e fanfarrão, — como na hora da morte por vezes a luz da Graça cae sobre os olhos do peccador impenitente — teve um momento de contricção: e fez justiça, uma vez ao menos.

E da sua bocca, tanta vez conspurcada pela Mentira, floriu, radiosa como um astro, esta verdade:

Onorate l'altissimo poeta!

O altissimo poeta era João de Deus — que ensinara a ler as creanças, que ensinara os homens a amar.

*
* *

Passa hoje o terceiro anniversario da morte de João de Deus...

A' mingua de flores novas, deponho sobre a sua sepultura o ramo de violetas — já seccas, mas ainda rescendendo o mesmo entusiasmo — que no dia da sua apothese lhe atirei aos pés, humilde mas amorosamente :

8/3.º/95

*Antigamente Orpheu tocava lyra
E as pedras, mal o ouviam, se agitavam...
Este caso que os velhos me contavam
Muito tempo eu julguei fosse mentira!*

*Mais coisas viu porem, quem isto vira...
Era o tempo em que as pedras, se faltavam
No mundo homens, em homens se tornavam:
Por isso Orpheu as pedras seduzira!*

*Move-se agora o Mundo em outros eixos:
Correndo tudo ao invéz de antigas eras,
As Almas é que se tornaram seixos ..*

*Poeta a quem nós todos damos palmas:
Egual prodigio é o que tu hoje operas...
Não moves pedras; mas commoves Almas!*

E não é verdade que é tão verdadeiro hoje como então — mais ainda hoje talvez... — o ultimo verso do meu desataviado mas commovido soneto?...

11/1.º/99.

CARLOS DE LEMOS.

SALLA DE VISITAS

De GUEDES TEIXEIRA

A Guerra Junqueiro

—o maior dos nossos poetas e um dos meus melhores amigos—

O NOSSO LAR

O nosso lar, como eu o phantasio,
Quando me ponho a ancial-o com virtude,
E' uma casita branca ao pé d'um rio
Num baixo de collina agreste e rude.

Rio de lenda, dirá minha tristeza
Sua longa ballada secular
Vindo d'uns olhos lindos de princeza
Pr'a o nosso peito e não chegando ao mar !

E quero ali, fixando aquella asp'resa
As oliveiras por montes sem fim :
Que as oliveiras são, na natureza,
O mais conforme e mais igual a mim !

Mas oliveiras que não dêem azeite
E, sem dar sombra, que não dêem flor...
Minha Alma tem demais com que se enfeite
E com que ella sustente o nosso amor !

O nosso amor, que eu afinal derivo
Numa esperança alegre em que remoço,
Fim d'este sonho por que choro e vivo
—A aspiração d'um bello filho nosso!

E na minha Alma os astros tomam brilho;
O azul do ceu já nos meus olhos vê-se;
Eu nasci dentre o povo... mas meu filho
Terá o sangue já fidalgo, esse!

E na ancia que a todos alevanta,
Nesta hora de lucto e derrocada,
Ha-de a mãe ensinar-lhe a Biblia sancta
E eu a adorar a Patria nossa amada!

E, quando elle fôr morto, na secreta
Morada do Mysterio, então tocado,
Ao pé da linda campa do poeta,
Repousarão uns ossos de soldado.

Sua mãe não irá p'r'ao pé da gente
(Que nós continuaremos a lutar!)
Mas, se ella foi formosa e se foi crente,
Que seja sancta e fique num altar!

Trindade do meu sonho abençoado,
Que eu venho a construir ha poucos annos,
Cada degrau custando-me um cuidado,
Cada passo milhões de desenganos!

Porque outro lar me deu a Phantasia
—Ha quanto tempo que isso se perdeu! —
Quando minha Alma pela noite fria,
Já tinha a ancia de tocar um ceo!

Era um grande castello secular
Sobre um alto de serra denegrida,
Onde viria a minha Mãe passar
Comigo o resto da sua linda vida.

Arranjei-lhe o seu quarto, alegremente,
Tal como o ninho proprio d'uma estrella,
A janella deitando p'ra o nascente
P'ra que o primeiro a ver o sol fosse ella !

Ponho-me a vel-o ! Tudo ali destaca !
Olho a *sua* cadeira posta a um canto,
E ao alcance da sua vista fraca
O mar azul de que ella gosta tanto !...

E que lindo o seu quarto ! Estou a vê-lo
E a vê-a c'um rosario, a balbuciar,
Tão grande como era o seu cabelo
Quando eu nasci, antes de a desgostar !

Sobem no muro trepadeiras grossas
Que dão ao quarto um cheiro d'açafraão,
E o leito é feito d'oliveiras nossas
E a colcha feita pela sua mão !

Ao pé da cama os meus livros em pilha
— Santo remedio que ella anda a tomar ! —
E uma carta d'Alem-Mar, da filha,
Vinda num barco, que ella viu chegar...

Traz-lhe a noticia de que tem um neto,
O que a faz chorar devagarinho...
E diz-me ao ouvido, num goso secreto,
Que ella é a madrinha e que eu sou o padrinho !

Dias passados, por um dia bello,
Vamos fazer o nosso testamento
E deixamos-lhe as terras e o castello
E tudo que nós temos no momento.

E pelas noites, quando estou sentado
Pertinho d'ella, olhos na luz inquieta,
Ella levanta os olhos do bordado
P'ra perguntar-me se será poeta...

Não, minha Mãe! Fica tranquilisada:
Falta-lhe o sol da patria e o teu olhar!
— As duas azas que uma alma anciada
Precisa ter para romper o ar!

Não, minha Mãe!... E ella interrompe logo:
— O pequenino o que será? ai! diz'!...
E, enquanto a Sancta vae erguendo um rogo
A Deus, eu digo — que ha-de ser feliz!...

E ella fica cheia d'esperança
E a ter-me mais amor, se isso é possível,
Vendo já nesse corpo de creança
A grande alma do Morto inconfundível!

E quantos sonhos nesse ideal antigo!
Ai, quantas rosas lá havia em botão!
Se o teu amor não viesse ter comigo,
Com esse formidável coração!

Assim quebrou-se o velho encanto: e agora
E' o meu lar o teu lar, Esposa e Amante!
Nem mar lá temos: — nenhum de nós chora!
Nem barcos chegam: — ninguém ha distante.

E nesta luz perpetua de manhã
Tel-as tão longe são as minhas penas...
Porque é que isto d'esposa e mãe e irmã
Não formará uma pessoa apenas?

E construir de novo esse castello?
A Phantasia tudo pode bem!
Mas p'ra teu quarto escolho o quarto bello
Em que d'antes vivia a minha Mãe!

E a Sancta tem saudades, certamente!
D'outras janellas já não vê o mar
E o sol, se o vê, é sempre no poente,
Elle que d'antes a vinha acordar!

Não! minha Amiga, essa Chimera é morta!
Já tombou meu castello com fragôr...
Vamos os dois: cá está a casita e a porta
E dentro um leito só e um só amor!

Tudo ali é perfeito: uma existencia
Em que não ha calor e não ha frio,
Os corpos reduzidos quasi á essencia,
Tanto a nossa Alma os repassou, fundiu!

.....

O nosso lar agora, a alma absorta,
Se só em ti e *nelle* me concentro,
Um palacio ou choupana tanto importa,
Comtanto que estejaes vós dois lá dentro!

(Da *Esperança Nossa*, no prelo)

O ENGEITADO



ARA que nascera? E depois, porque nascera ali? A si proprio, tantas e tantas vezes, perguntara isto, farto já de soffrer, descoroçoado já da vida, sem encontrar nunca uma resposta que o satisfizesse! E ao sol que o queimava, ao vento que o fustigava, ao graniso que o dilacerava tambem o perguntara muitas vezes, em soluços que só elle ouvia, em soluços cuja tortura ninguém jamais lograra adivinhar: mas o sol sumia-se; o vento calava-se; e o graniso cessava...

Fôra então para soffrer, só para soffrer sempre, até que um dia para ali morresse, que nascera, que se fôra creando e que a todos os baldões da vida conseguira ir resistindo?!...

Que inclemente, que impiedosa não fôra a sua Sorte!

Pois não era d'uma ironia tão flagrante e tão pungente que elle, um pobre cardo, um desprezível cardo para que ninguém olha e que ninguém vê, tivesse nascido ali,—ali!—quasi junto do meloal tão fresco sempre das regas abundantes;—ali!—tão perto do jardim, do jardim que era olhal-o e ficar logo cego, tão garridamente faiscava o matiz das lindas flôres que o enchiam e cujo aroma penetrante e vivo elle sentia lá dentro, a acirrar-lhe a ancia insatisfeita que de ha muito, que de sempre, o consumira e abrasara todo num fogo lento e devorador?...

A ter de nascer, não lhe seria melhor, por ventura, que

fossem as entranhas da bravia terra dos montes, onde cresciam os seus companheiros, que o houvessem deitado ao mundo, e não aquella terra, que a enchada fizera docil e fecunda, aquella terra que só produzia quanto dava gosto á vista e regalo ao paladar, terra que o gerara a elle por aberração, por desfastio, por um capricho talvez?... Ao menos, lá nos montes, no meio dos seus irmãos tão infelizes, tão desherdados como elle, ninguem o escarneceria, ninguem mofaria da sua miseria, e, se em muitos dias o sol o queimasse até ás raizes, inclemente e despiadoso, outros viriam em que uma chuva benefica lhe daria, refrescando-o, alentos e vigor para um grande espaço de tempo.

Mas ali escarneciam-no; ali zombavam d'elle a todo o instante: demais, demais o sabia. As rosas eram as peores: nunca para elle olhavam sem se rirem abertamente de troça! E então que era aquillo a todo o instante, porque, como estavam mais altas, viam-no perfeitamente sem lhes ser preciso fazerem o minimo esforço, o que já não acontecia á maior parte das outras flores... E ainda se se ficassem só por ali... mas qual! era logo um passar de palavra a todo o jardim, e um entrar de as incitar a todas, até á mais humilde, a que as secundassem na galhofa, o que ellas faziam não só por impulso proprio mas tambem muito por lhe agradarem... E era aquillo, então: aquelle nunca acabar de risinhos abafados, de pequenas maldadesinhas segredadas a meia voz...

Que martyrio, santo Deus, que martyrio que passara!

D'uma vez até uma violeta—tamanho era o escandalo!—se soerguera muito curiosa, na sua hastesinha flexivel, para o fitar...

Mas d'esse lindo olhar da violeta guardava elle uma lembrança tão doce, tão consoladora! Fôra como uma gotta de mel a adoçar as fézes do seu viver; balsamo que o bom Deus lhe enviasse lá de cima, condoido de tanta magua, de tanto penar. A surpresa que o tomara quando no olhar d'ella, que esperava escarnento e mau, viu translusir a piedade, a com-

paixão, a dôr de o ver tão feio, tão ridículo, tão despresado ! E nem sabia dizer bem o que sentira : mas fôra, fôra a um tempo soffrimento e alegria : — soffrimento, — e doloroso, e profundissimo ! — porque mais uma vez tinha de reconhecer todo o horror das suas formas vis ; e alegria, — uma alegria immensa que o alvoroçara todo ! — vendo que, finalmente, na sua vida alguém se doía d'elle, alguém d'elle tinha compaixão, alguém o comprehendia talvez — quem sabe ?

E de toda a sua existencia eram aquelles os unicos momentos em que se sentira menos desgraçado.

Unicos não : houvera outros ainda... A bôa da violeta, que, lá de longe, por entre o verde da sua abundante folhagem, de quando em quando fitava nelle um doce olhar compadecido, fôra um dia, em plena mocidade, em plena florescencia, cruelmente arrancada á vida pela garra furiosa d'um vento medonho que tudo varrera... E quando elle a pranteava desolado, em gemidos vindos do coração, a essa unica amiga que o acaso lhe dera, que dolorida felicidade a que sentira ao ver que o vento, esse mesmo vento que tanto amaldiçoara e agora de mãos postas bemdizia, lhe veio trazer (seria ella ? não seria ? elle não quiz duvidar de que o fosse !) moribunda já, já nos transes da agonia, e prestes a sua alma perfumada a evolar-se do seu tão gracioso e fragil corpinho, a pobre adorada, a consoladora, a santa que das suas misérias se condoera...

E elle, dolorosamente commovido, mas tremendo de felicidade ao mesmo tempo, todo se encolhera para a receber, todo se retrahira, não fosse a pobre rasgar-se nos seus espinhos... Felizmente, porém, ella viera cahir mesmo dentro da ferida que, na vespera, uma creança maldosa abrira em um dos seus braços; e abrigada assim pela sua carne que sangrava, podera a pobre morrer em paz, e podera elle, o faminto, o sequioso, beber-lhe até á morte a doce belleza, até á morte aspirar-lhe o suavissimo perfume. E como desejara revivescel-a, dar-lhe de novo a vida, que ella sentia escoar-se-lhe lentamente, a troco mesmo da sua tão miseravel, tão despre-

sivel sempre! Mas tudo fôra baldado: e ella morrera suavemente, santamente, num ultimo olhar erguido para elle...

A sua magua! o seu desespero! com que supremo ardor invocara tambem a morte para si, numa ancia de ir juntarse com a amada, de desaparecer com ella, de fugir do mundo a que ella tão sem piedade fôra arrancada!

Mas ai! a morte fôra surda: não viera!... E sobre a pobre que fôra o seu sonho d'amor, a sua unica ventura, elle chorou todas as suas lagrimas, todo o seu sangue, por muito tempo, muito tempo ainda, depois que já nada do que fôra ella, do que fôra a sua graça, o seu encanto, a sua belleza, restou sobre a terra.

E nunca mais, nunca mais, desde então, um olhar compadecido se fitara nelle. Dentre as flores só aquella fôra a Piedosa, a Consoladora: todas as mais o que faziam era escarnecer-o a cada instante. Mas não lhes queria mal por isso: não lhes queria mal, nem mesmo ás rosas. Ellas tinham rasão de sobra para o escarnecerem: se elle era tão feio, tão repulsivo, e ellas eram tão lindas, tão attrahentes todas! se a natureza lhes dera a ellas uma pelle liza, fresca, perfumada, harmoniosamente colorida, e o fizera a elle hirsuto, enrugado, secco e d'uma côr triste e sem brilho!

Era para rir, era: tambem essa febre, ás vezes, o ganhava a elle; e então entrava de rir-se com ellas, mas com um riso que lhe fazia mal, que o cortava lá por dentro, que o sacudia todo numa convulsão. E as doidas, vendo-o assim, ainda riam mais, sem dos seus tormentos se aperceberem, numa completa inconsciencia, coitadas.

E, apesar de tudo, um tempo existira em que tivera sonhos, desejos, sobresaltos d'amor... Illusões que os desenganos tinham levado mais tarde, descaroavelmente, uma após outra!

E nesse tempo abençoava o Deus que o fizera nascer ali, nesse solo maravilhoso onde medravam tão lindas flores e tão bellos fructos nasciam; e espanejava-se ao sol, feliz e contente, bebendo vida no ar e na terra, envolvendo num olhar d'amor intenso e demorado todas as coisas creadas que os

seus olhos viam. As borboletas, sobretudo, eram quem mais o deslumbrava e a quem mais amava. E havia-as tão lindas, tão lindas! e eram tantas sempre em zumbidos amorosos á volta das flores, embriagadas, entontecidas de todo! E ingenuo que elle era então! pois não se pusera a esperar, pensando que havia de chegar a sua vez, e que um dia, enfim, tambem conheceria o amor num beijo longo e profundo d'uma d'essas caprichosas feiticeiras?...

E que estremecimentos, que embriaguez, que doidos anceios os que sentira, se alguma borboleta, por acaso, d'elle se aproximava sem o ver! Mas tudo isso veio a acabar, e tão breve!—num dia em que o meloal fôra regado com mais abundancia e poudes ver, reflectida na agua d'uma poça que junto d'elle se formara, a sua imagem feia e triste, de que elle proprio sentira um vivo horror... E então, num relance, vira mortas todas as illusões; sumidas para todo o sempre as esperanças que acalentara. Estava condemnado á solidão, ao abandono, ao olvido de todos...

Quem o condemnara? e porque? que mal fizera elle? Não o sabia.

E agora comprehendia qual o motivo por que as borboletas fugiam apressadas para o meio das flores, num vôo agitado, se por acaso o lubrigavam no seu humilde recanto... As pobres tinham-lhe medo: os agudos espinhos que o erriçavam enchiam-nas talvez de susto pelos seus pesinhos tenros, pelas suas azas transparentes! E á dor de se ver esquecido e despresado acrescera a de se saber temido por aquellas que tanto amava e a quem seus olhos nunca deixavam, extaticamente enlevados na sua graça.

E entrara com elle um receio que o enchia de febre a cada momento: se, realmente, viesse a acontecer que uma d'aquellas estouvadas se ferisse nelle sem o ver... Meu Deus! Felizmente, porém, que nunca tal succedera, porque ellas vieram todas a saber da sua existencia ali; e por ultimo já nem d'aquelle lugar se aproximavam...

Pudera, pois, descansar; mas —negro destino o seu! para

começar, novo tormento: numa fresca manhã d'abril, uma rosa das mais garridas dera conta d'elle: e desde então fôra aquella troça sem treguas, aquella troça desapiedada das rosas, das flores todas, e das borboletas também.

E elle tudo supportara com humildade, com resignação, sem um movimento de revolta, sem um protesto, vencido pela lembrança da sua vil imagem quando a vira retratada na agua da poça. Se elle era feio, feio a ponto de causar horror a si proprio !

Mas, sendo, como era, um monstro, porque sentir-se assim abrasado d'amor que ninguem queria, que ninguem partilhava, de que todos zombariam sem piedade se lograssem adivinhal-o ? !...

Todos... excepto a pobre violeta, a doce e querida amiga que morrera.

Que adoração elle não votara a essa linda creatura que vinha ás manhãs e ás tardes regar o jardim, cercar dos mais extremos cuidados todas as flores !

—Se a mão que segurava o regador era mais alva que os lyrios e o rosado das suas faces ainda brilhava mais que o das rosas !—E também a um velhinho de linda barba côr de neve que lhe chegava ao peito elle se pusera a amar em extremo, a ponto de não saber a qual dos dois queria mais: se a ella, se a elle. Mas nunca d'elles recebera a minima prova de affecto, o mais ligeiro olhar de compaixão; e mais, ambos elles, mas ella sobre tudo—a radiosa e deslumbrante Creatura !—tinham pelas flores todas do jardim iguaes cuidados, iguaes extremos, e era sempre com muito amor que para ellas olhavam, sem quasi fazerem distincção.

Pois sim ! mas é que ellas, as flores, eram formosas todas; e elle... elle era um aborto, um monstro que a terra gerara para horror e escarneo somente. E fôra por isso que em vão supplicara sempre á linda Creatura uma gotta d'agua que o refrescasse, quando nos dias calmosos de agosto a secca apertara e elle se sentira abrasado de sê.de. E não era decerto porque fosse má, que ella parecia boa e compadecida, e

amava ternamente o velhinho da barba de neve—que, elle tambem, dir-se-ia que só na belleza d'ella ia bebendo forças para resistir ao peso dos annos!—não era porque fosse má, não, que ella lhe recusava uma gotta d'agua: era, sim, por não saber que elle existia, era porque nunca, até 'li, ella dera conta d'elle.

Que estava dizendo?

Pois não era porque ella, e elle tambem, o doce velhinho, tinham, emfim, posto seus olhos nelle, que elle agora para ali jazia exangue, moribundo, sem vida quasi?!...

Ah! que amargura immensa—mais amargura ainda do que receio!—quando o velhinho deu conta d'elle e, com a admiração pintada no rosto, o indicou á sua linda companheira que soltou um grito d'assombro e para logo poz as mãos de horrorisada!

Depois foram breves palavras trocadas entre ambos e, em seguida, o crescer ameaçador, para elle, d'essa mão tão pura e branca, agora envolvida num panno escuro... em qualquer coisa que dos seus espinhos a protegesse como um escudo. E tinha razão: se elle, querendo beijal-a, por certo havia de maguar a sua pelle tão delicada e fina!

E fôra esse todo o seu receio: que a ferisse, apesar de tudo, a ella que elle amava tanto... como amava a todos, como amava a tudo, afinal. Mas ella arrancara-o da terra sem hesitar, e cruelmente o lançara para tão longe de si quanto o braço lhe poudes alcançar, numa inconsciente ingratidão do que elle soffria por ella.

E agora ali estava esperando que a morte chegasse, re-memorando a sua triste vida, perguntando a si mesmo para que nascera, para que o tinham posto no mundo?... E naquelle instante supremo, tão visinho da morte já, que saudades dos seus irmãos lá dos montes, que elle nunca vira mas que o seu coração adivinhava, parias como elle era, inconsolaveis como elle sempre o fôra, que saudades d'elles, e d'essa terra bravia, d'esse ar cortante, d'essa plena liberdade e d'esse pleno socego que devia ser o d'elles! Que a morte não

a chorava elle: antes a invocava e a esperava como a uma suprema consoladora. Se a vida lhe fôra aquillo, uma agonia de todos os instantes, abençoada a morte que o vinha libertar d'uma vida tão ingrata.

Mas o torpor crescia; o esvaimento era cada vez mais completo e mais profundo: ella ahi vinha, ella ahi vinha, a doce Libertadora!... Pela vez derradeira ia contemplar esse jardim que elle ainda via, essas flores, essas borboletas, o doce velhinho e a ella tambem, a ella, que agora deslisava por entre as rosas, aspirando-lhe o aroma toda enlevada...

Já não pensava, já não soffria: sentia-se bem, muito bem...

Oh! bemdito tudo o que amara, tudo o que o fizera infeliz, e bemdita ella sobre todas as coisas, a radiosa Creatura que lhe dera a morte, o esquecimento, o repouso, o termo da sua miseria!

BEATRIZ PINHEIRO.



ANHELIA



Per una selva oscura...

DANTE

*A tarde finda. O Sol, numa agonia,
Morde a terra co'a bocca chammejante...
Na loira paz d'um sonho edulcorante
Feérica a paisagem irradia.*

*Curvada sobre o peito a fronte nésta,
Branca e radiosa, Anhelía, a peregrina,
Como impellida pela mão da Sina,
Sonnambula, caminha p'r'a floresta.*

O Sol

*Como tu és linda! como tu és linda,
Com esses teus olhos, com esses cabellos!
Não te apresses tanto! Não te vás ainda:
Que eu sinto uma sede torturante, infinda,
De beijar teus olhos e morrer a vel-os!*

*Antes de tu seres, oh doce creatura!
Com que desalento dava luz ao mundo
Sem meus olhos verem, da radiosa Altura,
Quando os eu baixava, cheio d'amargura,
Nada que os prendesse num amor profundo!*

*E, meu Deus, agora como eu te bendigo
E já não pergunto, como perguntava :
— P'ra quê tanta luz, se d'essa luz maldigo?!
— E esta gloria minha, se eu sou um mendigo
Preso, sem a amar, a uma vida escrava?!*

*O meu ser de chamma, incandescente, a arder,
Aonde mora a Luz, aonde a Vida mora,
Foi p'ra te crear que Deus o quiz fazer :
Foi p'ra te dar luz, foi p'ra te aquecer,
Foi p'ra te vestir, como te visto agora.*

*Toda a minha gloria a ti é que é devida :
Minha luz é tua; meu calor é teu :
Que, sendo eu a fonte d'onde brota a vida,
A que em mim eu sinto é só em ti bebida :
Sem ti... volto a ser um cadaver no Ceo!*

*Mas tu vaes-te... Espera, celestial Bem-vinda!
Fita em mim teus olhos, oh cheia d'encantos!
Fita em mim teus olhos, tu que assim és linda
Oh cheia de graça! fita-os mais ainda...
Morrerei ao menos a beber teus prantos!*

Anhelia

*Oh! vae-te! vae-te embora, oh Sol! cumpre o teu fado!
E escurece sem dor, meu Astro desolado,
Este logar sombrio onde a Tristeza mora,
Este espaço, este Ceo onde a Lua soffre e chora.
Vae-te!... Deixa-me em paz: não posso ter-te amor :
Não ha amor em meu seio, em meu seio ha só a dor!
Não amo a tua luz: do somno me desperta...*

— Quando ella é mais intensa, a terra é mais deserta! —
 Não amo a tua luz: ella não me allumia;
 E a treva do meu peito ainda a faz mais sombria!
 E' como um cyrio allumiando um cenotaphio:
 — Vem-me obrigar a ler o «Nada!» do epitaphio.
 E menos amo ainda o teu calor suave,
 Que faz crescer a Flor e faz cantar a Ave:
 D'esse calor a chamma, a um tempo ardente e calma,
 Faz-me frio cá dentro, arrefece-me a alma!
 Não sei bem o que quero... E' quasi que um instincto...
 Mas ha um não sei qué — ha! eu bem o presinto! —
 Cuja falta me traz anciosa e desolada
 Por esta terra erma, assim como engeitada,
 Cega a todo o esplendor, surda a toda harmonia,
 Sem uma hora de gosto, uma hora d'alegria.
 — Oh vae-te! vae-te embora, oh Sol! causas-me tedio!
 Ao mal de que me morro em vão busco o remedio!...

Falta-me um não sei qué; aí falta! mas não sei
 Se isso existe! e, se existe, onde é que o acharei?...

Mergulha o Sol em chammass no poente...
 E na floresta, como virgem druida,
 Olhos no Ceo, braços cahidos, fluida,
 Anhelina entra, extasiadamente.

As Arvores

Tu não és da terra, maravilha rara!
 Maravilha rara que do Ceo pareces...
 Na mesquinha terra, quem só te sonhara?!
 A ti, que amoroso o proprio Deus fitara,
 Se no Ceu tu fosses, se no Ceo vivesses!

*Antes de tu vires que triste que isto era :
Havia tanta sombra! tanta escuridão!...
Em nós não cantava nenhuma quimera :
Que a mão do Silencio era garra de fera,
E ella nos pesava sobre o coração !*

*Mas á tua passagem tudo foi mudado :
Chegaste e contigo chegou-nos a luz...
Tudo agora ri no ar embalsamado...
E o proprio Silencio lamenta — coitado! —
Não poder cantar teu corpo que o seduz.*

*Não vás tão depressa, que nós te imploramos!
Has-de ter calor? has-de ir muito cançada?...
Vê que docel verde fazem nossos ramos...
— Sombra, raízes, seiva, tudo nós te damos!
Tu... — que dôr a nossa! — não nos darás nada?...*

*Só mais um momento! — Nosso fructo é loiro,
Do loiro precioso do teu real cabello...
Colhe-o! gosaremos essa chuva d'oiro...
Colhe-o! ungir-nos-ha o virginal thesoiro...
Estende a tua mão, estende: é só colhel-o!*

*Não fujas! vê como os nossos troncos choram!...
São gottas de seiva... são gottas de sangue!
E os ramos torcidos vê como te imploram,
E os fructos vê como de magua descoram,
Pendentes da haste, como elles, exangue!*

Anhelia

Ah! não me importuneis, oh Árvores! Deixae-me!
 O que me daes de que me serve?... Oh dae-me, dae-me
 O que eu preciso, o que eu procuro, o que eu anseio,
 E vós tereis então, as benções do meu seio,
 E o amor que me pedis e que eu não posso ter-vos,
 Nesta agonia atroz que me esfarrapa os nervos!
 Mas vós nada me daes que a minha alma bemdiga:
 Off' receis-me repouso?! é elle que me fatiga:
 Que parar é cair sem forças, suffocada
 Por este anseio a que a minha alma é condemnada.
 E sombra?! a vossa sombra infunde-me terror:
 E' um panno luctuoso a abafar minha dor.
 Matar me a sede?! é outra a sede em que me abraço...
 A vossa sede a chuva a estanca: — mas acaso
 Podem matar a minha sede os vossos fructos?!...
 Refrescassem-me embora os labios sempre enxutos,
 Que assim mesmo a minha alma ardera nesta sede!
 Dae sombra e fructo a quem fructo e sombra vos pede:
 Mas a mim, para qué?... não é isso o que me falta,
 Isso por cuja posse a minha alma se exalta
 E que supplica a Deus meu coração faminto,
 Isso que eu não sei que é, mas cuja falta sinto.
 Ah! não me importuneis, oh Árvores! Que tédio!
 Ao mal de que me morro em vão busco o remedio!...

Falta-me um não sei qué; ai falta! mas não sei
 Se isso existe! e, se existe, onde é que o acharei?...

As Árvores, co'os ramos contorcidos,
 Soluçam, numa supplica, plangentes...
 E seus fructos, quaes lagrimas ardentes,
 Caem no chão, um a um, esmaecidos.

*Vae sempre em frente Anhelis e nada escuta
E nada vê o seu olhar absorto,
Perdido e fixo, como o olhar d'um morto,
No espaço, onde, co'a luz, a sombra lucha.*

*E d'azas pandas, como folhas d' aço,
As Aves seguem-na, avoejando em torno:
E vozes tristes, d'um effluvio morno,
Erguem-se em choro a suspender-lhe o passo.*

As Aves

*Como poudes Deus dar forma a um sonho tal
Como o que floresce, agora, a nossos pés?!
Como poudes Deus tornar assim real
Quanto ha na Belleza d'immaterial?!
— Bemdito seja Elle! como bemdita és! —*

*Falla! a tua voz embala como um canto...
Se ha canto assim doce como é a tua voz,
Que, mesmo afogada nas ondas de pranto,
Ouvil-a é vivermos, numa hora de encanto,
O sonho que temos cá dentro de nós!*

*Como tu, nós somos: como tu, sonhamos
Mundos mais perfeitos, climas mais suaves...
Sem os vermos nunca, a elles aspiramos:
Sabemos que existem porque os desejamos...
— Tambem ha uma alma no peito das Aves! —*

*Quem fôra contigo por esses caminhos!...
Mas nós não podemos: um laço profundo
Nos tem amarradas á beira dos ninhos...
Deixarmos os filhos?!... mas os pobresinhos
Que culpa têm elles de virem ao mundo?!...*

*E pois, se ficamos, tu fica tambem...
Cantando connosco espalha essa amargura!
Nós até cantamos se nos morre alguém:
Seja o nosso par ou seja a nossa mãe,
Que o canto é um remedio: as maguas todas cura.*

*E tu nem nos ouves!... Vaes sempre avançando,
A tudo insensivel, enquanto fallamos...
E nós a seguirmos teus passos em bando,
Enquanto nos ninhos os filhos, piando,
Se assustam da cobra que espia dos ramos!*

Anhelia

*Aves! deixae-me em paz! Ide, ide-vos embora!
Eu não sei onde vou: por esse mundo fóra
Caminho sem destino, ao impulso do momento,
Como a folha que vae, levada pelo vento,
Ou p'ra aqui ou p'ra ali, até morrer um dia...
E como é que hei-de ser, assim, o vosso guia,
Como é que o hei-de ser, se não sei onde vou,
Se não me sinto bem onde quer que estou,
Se não sabe o que quer, não sabe o que procura,
Minha alma que Deus creou para esta desventura?!...
— Se até com o que quero eu busco e não atino,
Que destino vos dar eu que vou sem destino?!...
Ah! deixae-me! deixae-me e voltae aos vossos ninhos,
Voltae a socegar vossos pobres filhinhos,
Já sem voz p'ra chamar, mudos já de gritar...
— Tivesse filhos, eu tambem, a quem amar,
Tivesse eu qualquer coisa, enfim, de que gostasse,
E talvez este aneio, então, me socegasse!...
Mas eu não posso amar: eu aborreço tudo,*

*E para todo o amor meu coração é mudo:
Que não é isto; ai não! aquillo que eu desejo,
Que eu procuro numa ancia e nunca! nunca vejo!
Aves! deixae-me em paz! é sempre o mesmo tedio!
Ao mal de que me morro em vão busco o remedio!...*

*Falta me um não sei quê; ai falta! mas não sei
Se isso existe! e, se existe, onde é que o acharei?...*

*Ficam-se a olhal-a, os collos abatidos,
As pobres Aves trémulas de magua...
E seu olhar parece verter agua!
E a voz morrer em cantos doloridos!*

*A Noite enche os espaços, silenciosa...
A Terra fecha os olhos, de canção,
E adormece, deitada no regaço
Da Noite, á luz dos Astros, carinhosa.*

*No laus-perenne do luar, a selva
Abre-se como um templo, toda em festa...
Sobe o incenso das flores na floresta
E um lago canta psalmos entre a relva.*

O Luar

*Ha já tanto tempo que eu conheço a terra!
Ha já tanto tempo que eu a terra banho!
A campina e o lago e a floresta e a serra...
E de quanto vi, coisa nenhuma encerra
Uma tal belleça, um esplendor tamanho.*

*Linda que tu és!... Ah! mas como vaes triste!
Tão pallido o rosto e tão maguado!... E os olhos?!...*

Ah! Senhor! e podes, tu que lhe sorriste
 No Ceo, quando a creaste e assim tão linda a viste,
 Soffrer que os seus pés se firam nos abrolhos!?!...

Mas como é que a Terra os olhos te offendeu,
 Se ao vel-os a Terra ajoelhou rendida?!...
 Depois, que é o Mundo p'ra quem é do Ceo?..
 Ah! não sejas triste! e a sel-o, sê-o como eu:
 P'ra mim a tristeza não é morte, é vida.

Deixa-me cobrir-te! deixa-me velar-te
 Da gaze que teça a minha luz mais calma...
 Monto assim real quem é que pode dar-te?
 O Sol? mas o Sol o que pode é queimar-te...
 E eu... dar-te-ei em luz o que me dês em Alma!

Que queres? é Sonho? eu visto-te de Sonho:
 O Sonho sou-o eu! o Sonho em mim se gera...
 Eu é que p'r'a Dor os balsamos componho:
 Alguem chora?... eu logo ante seus olhos ponho
 Um engano d'alma... e quem chorava espera!

Conta-me essa magua: que p'ra adormecel-a,
 Tenho philtros doces, de esquisito ardor...
 Verás como a vida é bem melhor nivel-a
 Sem nunca tentarmos sequer conhecel-a...
 — Ignorando-a mais, sentimol-a melhor!

Anhelia

Foge de mim, Luar! nem tu, nem tua luz
 Podem aliviar-me o peso d'esta Cruz!
 Na Cruz de maldição, grande como um Assombro,

*Que os Fados, ao nascer, me pizeram ao hombro.
 O fundo á minha dor eu propria mal o sondo :
 Sentir que o mundo é bello e parecer-me hediondo !
 Se acaso do universo a orchestração escuto,
 Serem cantos de galla : ouvir threnos de lucto !
 Que sempre, pavorosa, em frente dos meus olhos,
 Os braços abre a Cruz num Calvario d'abrolhos.
 E da sombra que faz o pranto em fio escorre ;
 E a luz ahí se embebe ; e todo o som lá morre.
 Foge de mim, Luar ! foge de mim depressa :
 A selva, ao teu clarão, tem a forma d'uma Eça . . .
 E esse clarão . . . horror ! é como uma mortalha
 Que os membros me regela e o sangue me coalha.
 — E vens, como um remedio á minha dor sombria,
 Offerecer-me o Sonho ? ! O Sonho . . . — Oh ironia ! —
 O Sonho é que me mata ! o Sonho é o meu vampiro !
 Se os olhos a ti ergo e a tua luz respiro,
 Não calma, antes redobra a febre no meu peito,
 Como um abutre a comer sempre — insatisfeito ! . . .
 Foge de mim, Luar ! deixa-me co'o meu tedio !
 Ao mal de que me morro em vão busco o remedio !*

*Falta-me um não sei qué ; ai falta ! mas não sei
 Se isso existe ! e, se existe, onde é que o acharei ! . . .*

(Continua).

BEATRIZ PINHEIRO.

ARTES & LETRAS

A Pintura e a Escultura em Vizeu



O iniciar esta secção, nada mais natural, nem para mim mais grato, do que fallar-lhes do Grão-Vasco e da sua escola de pintura: que, se muito se tem escripto sobre este assumto, muito ha que dizer ainda; e sempre será proveitoso repetir e vulgarisar o que a tal respeito se acha afinal assente e incontroverso.

Assim é já agora incontestavel a existencia do Grão-Vasco, cujo berço foi Vizeu. Filiado na primitiva escola flamen-ga dos Van-Eick e de Alberto Durer, o *estyllo* de Grão-Vasco tem todavia um accentuado cunho pessoal e naturalista que mais realça a orientação profundamente religiosa da sua arte, ao mesmo tempo vigorosa e terna, cheia de candura e de gravidade ao mesmo tempo. E' o que resalta das suas obras-primas, existentes na Sé de Vizeu—o *Calvario* e, a seguir, o *S. Pedro*, inferior áquelle, é certo, mas notabilissimo pela intensidade de vida d'aquella physionomia, onde se reflecte prodigiosamente o espirito acanhado mas pertinaz, a alma dedicada mas violenta do primeiro Chefe da Egreja; e ainda pela inequalavel perfeição dos pannejamentos e pelo vigor e sobriedade do colorido que *está como na hora*, no dizer expressivo de João de Deus ácerca dos *Lusiadas*. Estes dois quadros, pelo sentimento, sinceridade da observação, realismo de côr e poder descriptivo, ainda hoje resistem, e vantajosamente, ao

confronto com o que de melhor nos offerece a Pintura moderna: proclamam-no, neste ponto unanimes, os criticos nacionaes e extrangeiros que de proposito teem vindo a Vizeu para os admirar.

Devem ainda considerar-se como obra do famoso Mestre quinhentista todos os outros quadros da sachristia da Sé e o da *Ceia* do Paço de Fontello. Prova-o de sobejo o *estyllo* do desenho e da pincellada que é o mesmo tanto nas carnes, como nos pannejamentos, no mobiliario, na paysagem, etc; dando-se ainda a circumstancia, que não escapa a olhos conhecedores, de terem sido os mesmos *modelos* que *pousaram* para a execução de todas estas obras. Já não assim, dos quadros da *Vida de Jesus*, actualmente no Altar-Mór da Sé, que devem ser considerados como anteriores e, provavelmente, de João Van-Eyck, cuja passagem, e demora por Potugal, é hoje coisa por todos accite. Quanto ao quadro de *Jesus em casa de Martha*, do Paço de Fontello, esse deve ter sido obra d'um dos primeiros discipulos de Vasco Fernandes: a sua *maneira* particular destaca da do Mestre, não nos fundos da paysagem nem na architectura nem na mancha de côr, mas na physionomia do Christo, mais nobre e mais pura, e na execução dos pannejamentos mais vigorosa e empastada, no vestido da Magdalena, sobretudo.

Mas Vizeu não foi só berço de Grão-Vasco: foi tambem um *centro-artístico*, talvez o primeiro *centro-artístico-nacional*, nos seculos XV e XVI.

Provam-no os immensos quadros da escola de Grão-Vasco, dispersos, perdidos, ignorados ou esquecidos por toda esta provincia da Beira, em roda de Vizeu especialmente. Certo, muitos outros pintores por aqui floresceram então: assim rara foi a igreja ou capella que não teve os seus altares ornamentados com um ou mais retabulos—muitos conservando ainda hõje a sua collocação primitiva—todos, é innegavel, filiando-se na dicta escola pela *composição* e *linhas geraes*, mas simultaneamente revelando, pela variedade de *maneiras*, variedade de auctores. Quando porém, não bastas-

se a calar duvidas a grande *quantidade* de quadros e a flagrante *variedade* de maneiras, uma observação vem ainda reforçar o asserto da existencia de numerosas e superiores personalidades artisticas que nessa epocha fizeram d'esta cidade e seus arredores *centro* de uma larga e preciosa actividade pictural:—é que o maior numero d'esses retabulos foi pintado no proprio lugar em que se encontram, como é facil averiguar pelos rebordos não só da pintura, mas dosapparelhos, que se encostam e terminam junto dos caixilhos dos altares. (Devemos esta observação ao illustre pintor e estudioso critico da obra de Grão-Vasco—Almeida e Silva de cuja competencia nos soccorremos para a elaboração d'esta parte do nosso artigo.)

Nem admira que a respeitaveis criticos, a começar pelo conhecido Racksinsky, passasse despercebida esta circumstancia, sabido como é que elles se limitaram ao exame, mais ou menos precipitado e mais ou menos auctorisado tambem, dos retabulos da Sé, de Fontello e de S. Francisco do Monte... quando, para formar juizo seguro ácerca da quinhentista-eschola-visiense de pintura, indispensavel fôra percorrer demoradamente toda a Beira e analysar e estudar, minuciosamente e pacientemente, tudo o que, neste sentido, por toda ella existe ainda, que é muito, que é muitissimo:—tarefa esta que é mais para artistas nossos que para criticos de fóra.

Mas, pois lhes fallei de Vasco-Fernandes, não quero, já agora, deixar de me referir a um artista tambem visiense, que está ainda á espera de que se lhe faça a devida justiça ao seu incontestavel talento e á sua obra valiosissima: fallo do pintor José d'Almeida Furtado, vulgarmente conhecido por o *Gata*, que viveu nos começos d'este seculo.

Temperamento arrojado, muita originalidade e expontaneidade, mais propriedade e belleza de *colorido* do que correção de *desenho*,—taes foram, salvo melhor juizo, as qualidades dominantes e relevantes d'este illustre artista, cujo *estyllo*,

como em geral o de todos os pintores coevos, se filia na eschola italiana. Insigne miniaturista, foi, no seu tempo, o primeiro miniaturista portuguez e um dos melhores da Europa— neste genero. Pena foi que a epocha revolucionaria em que viveu lhe não permitisse evidenciar toda a pujança do seu grande talento; mas, assim mesmo, as suas obras, conhecidas tanto em Vizeu como em Salamanca, onde residiu largos annos, bastam a marcar-lhe um logar honroso entre os artistas do seu tempo.

Assim a *Ave-Azul* sente-se satisfeita por cumprir o gratissimo dever de chamar para este pintor viziense—quasi ignorado, mas que bem merece ser conhecido—a attenção dos criticos que, por uma imperdoavel negligencia, até hoje se tem esquecido do seu nome e, o que é peor, de analysar e apreciar as suas obras que são, apesar de tudo, de muito valor.

Outro illustre viziense, e este fallecido ainda ha poucos annos e nesta cidade muito querido e apreciado, mas que, á mingua de conhecimentos precisos e de orientação definida, não chegou a dar quanto da sua clara e decidida vocação para a pintura se poderia esperar,—foi Antonio José Pereira, cujo talento e força de vontade, incontestavelmente merecedores dos mais rasgados elogios, bem claro se patentearam nas suas obras que, aqui em Vizeu, attingiram honrada e honrosa reputação. Se não ergueu mais largos vôos, subindo lá até onde os seus olhos enamorados da immortal Belleza, um dia, quando moço e cheio de confiança, por ventura ergueram o seu sonho de perfeição—se do alto do Nebo mal pôde descortinar ao longe a Terra-Promettida, morrendo sem que os seus labios tentalisados provassem sequer o vinho e o mel da infinita embriaguez, não foi que lhe faltasse a fé, como a Moysés: não foi: é que grande parte do seu prodigioso esforço consumia-o elle a procurar rumo nas alturas onde as azas do seu espirito o faziam pairar—aguia enclausurada que se debatia

contra as paredes negras da sua prisão; ou melhor: aguia d'olhos vendados que esmorecia na ancia insatisfeita de reflectir o sol nas suas pupillas facetadas de molde a fitarem-no de frente—sem pestanhejar: mas aguia *quand-même*! E' pois, com toda a razão que Vizeu se orgulha de o ter tido por filho.

Vinha a pêllo tendo falla dos mortos, fallar agora dos vivos: e assim apontar, de leve que fosse, a obra de José d'Almeida e Silva, um verdadeiro artista, cujo altissimo valor se acha sobejamente documentado nos seus quadros a oleo *Lobo do mar, No intervallo do Canto-Chão, Ao lar dos Avosinhos e Sanctificado seja o vosso nome*, que obtiveram nas exposições do *Gremio Artistico* duas menções honrosas e duas terceiras medalhas. Nada porem, direi d'elle, pois me falta espaço e quero ainda consagrar uma pagina a dois *ignorados* que bem a merecem. Esse o motivo porque tambem nada direi do dr. José Pereira, filho do pintor fallecido de que já fiz menção—intelligencia de larga envergadura como advogado e, como pintor-amador, talento de superior quilate, de todos os seus trabalhos artisticos bastando a copia do *S. Pedro* a dar a medida da sua incontestada proficiencia.

Disse que desejava ainda fallar de dois ignorados: são elles José Lopes Grillo e o seu discipulo Christovam Rodrigues de Loureiro, ambos revelando na esculptura religiosa uma decidida aptidão, direi mesmo: —um talento, ingenuo, sim, mas deveras surprehendente.

José Grillo é um bom velho de setenta e tantos annos que vive bucolicamente em Travassós de Baixo, aldeia risonha tres kilometros ao norte de Vizeu. Com uma rara vocação e uma alma vibratil e entusiasta, seria hoje um dos nossos maiores e mais gloriosos estatuarios, se em novo tivesse recebido a conveniente educação artistica. Regularmento illustrado, illustração de tanto mais valor

quanto ao seu proprio esforço a deve — para o que basta dizer-se que estudou sem mestre o francez de forma a traduzir e, o que mais é, a sentir até ás lagrimas toda a poesia do adoravel Lamartine! — tem na sua estante, ao lado dos seus poetas queridos, os tratados da sua arte que elle lê, que elle estuda e que elle sabe... o bastante para retorquir—por modestia, mas por consciencia tambem—a quem lhe elogia qualquer trabalho seu: «oh! eu sei, eu sei o que vale muito: é o que fazem os outros; e tambem sei, tambem sei o que nada vale: é o que eu faço.» Engana-se todavia o honrado velho: os seus trabalhos, se se não impõem realmente a uma critica desafogada, valem entretanto muito e satisfazem perfeitamente ás exigencias do Culto Divino: as suas imagens d'uma execução suave e limpida e com um notavel ar mystico atrahem numa adoração os olhos dos fieis, quando nos altares ellas resplandecem, nas suas doces e extaticas expressões e nos seus fatos rutilos e doirados, por entre os damascos, as flores e as luzes das festividades. E eu sei da cabeça d'um anjo na peanha de certa Virgem, que mereceu aos olhos d'um verdadeiro artista, intelligente e conhecedor, uma larga contemplação admirativa e cubiçosa. E quem sabe se elle mesmo — que é um crente — alguma vez, como Fra-Angelico, não terá ajoelhado ante as imagens sahidas das suas mãos, de arreouado na visão radiosa da Divina Belleza, cujos reflexos pallidos esses pedaços de madeira, ingenua mas amorosamente burilados, offerecem aos seus olhos allucinados de poeta a valer. Porque, alem de esculptor, José Grillo é tambem philosopho e, mais ainda que philosopho, poeta. Versos por elle compostos sabem-n'os as raparigas da terra, a quem elle os ensina, ensaiando-as a cantal-os ao som da sua rebecca, para as romarias dos arredores. Coração eternamente juvenil, vivendo no deslumbramento da Belleza, o d'este bom velho! E lembra-me agora certa estação que elle fez em viagem, na serra da Gralheira, por onde se ficou, eu sei lá quantos dias, na contemplação puramente platonica d'uns olhos côr de ceo, celestiaes. Assim (se me permittem

parvis componere magna, como disse Vergílio) passou o mar para ver a condessa de Tripoli que elle, sem a ter visto, amava, aquelle enamorado troveiro Geoffroy Rudel de quem escreveu Petrarcha :

Jaufre Rudel che uso la vela él remo
A cercar la sua morte...

José Grillo foi mais feliz — seria mais feliz por isso?... — que não morreu ao ver realiado o seu sonho de belleza : viveu ; continuou a viver para... para constatar que a Belleza, perfeita e completa, não é d'este mundo. Já um artista da antiguidade, tendo que pintar a belleza, procurou-lhe o typo em dez modelos differentes por não a encontrar completa em nenhum. E Bouguereau, o artista mais popular da França, a clamar : — «Bellos braços, bellas pernas, ainda ha d'isso : mas bellas cabeças, oh ! d'isso é que já não apparece !» E é então que o philosopho suggere conformidade ao poeta desesperado : e assim tem seguido na sua vida José Grillo que, original e puritano, é, como homem, d'uma piedade fervorosa e d'uma honestidade provadissima.

Christovam Loureiro, o seu discipulo, esse é um rapaz ainda, no principio da sua carreira, mas já com uma rara habilidade e uma grande força de vontade a evidenciarem-se sobretudo nos seus ultimos trabalhos onde se notam incontestaveis progressos. Ha-de ir longe, porque, mais feliz que José Grillo — que foi mestre de si mesmo — tem nelle um bom modelo a imitar, como artista e como homem.

Se a *Ave-Azul* alguma influencia pudesse ter, de bom grado o recommendaria á protecção do illustrado clero d'esta diocese, como sendo já hoje o mais digno successor do seu velho mestre, o apreciado José Grillo.

CARLOS DE LEMOS

OS LUSOPHILOS



E em alguma occasião os olhos da Europa toda estiveram fitos sobre as Letras-Portuguezas, innegavelmente é agora : não nos seja isso, a nós — poetas e prosadores da ultima hora — motivo de desvanecimento ; mas d'estimulo apenas : que, pois os nossos livros passam a frõteira, forçoso se torna que elles não desmereçam muito do alto conceito em que, pelas obras dos nossos predecessores, os estrangeiros começam de ter a nossa litteratura. Ainda ha dias o *Journal des Debats*, transcrevendo de *O Centenario de Garrett* (plaquette de Joaquim de Araujo de que no *Registo Bibliographico* damos noticia) um trecho que synthetisa as multiplas manifestações do genio de Garrett, commentava :

«Tal é o aspecto sob o qual se apresenta Garrett aos seus contemporaneos, e, se nós não podemos ler, sem espanto, «os entusiasticos elogios que elle desperta, devemos lamentar que um escriptor de tamanha valia seja desconhecido para a maior parte dos francezes. Bom será que deixemos de «nos collocar no centro do mundo, e que a homenagem, excessiva que seja, prestada pelos estrangeiros aos seus grandes escriptores, nos lembre que ha homens de genio, ou, pelo «menos, de grande talento, afóra aquelles cuja gloria é consagrada por Paris e pela França.

E a proposito vem dizer que, se muito de espontaneo houve neste movimento de curiosidade, em grande e honrosissima parte para tal contribuíram, assim mesmo, os esforços do illustre poeta Joaquim de Araujo que da Italia, onde é nosso consul em Genova, tem feito quanto humanamente se pode fazer para o prestigio das nossas lettras e, ainda agora, mesmo de longe, tomou a peito a festa do Centenario-Garrettiano, cuja iniciativa a elle se deve: e d'outro poeta tambem illustre e notavel jornalista, Xavier de Carvalho, que, estabelecido em França por circumstancias de vida, acaba de fundar em Paris uma *Sociedade de Estudos Portuguezes* que certamente ha-de prestar relevantissimos serviços, alem de outros trabalhos no mesmo sentido, de que as Lettras-Patrias lhe são devedoras.

Tambem é sobretudo na Italia e na França, onde as obras dos nossos maiores poetas são conhecidas e apreciadas tanto no original como em accuradas versões que são frizante desmentido á phrase que passou em proverbio: — *traductori, tradittori...*

E, pois esta revista se propõe iniciar uma secção que informe os seus leitores do que sobre Lettras-Portuguezas lá fóra se passe, tem todo o logar apresentar aqui, summariamente, os trabalhos de que, á hora presente, temos conhecimento, relevada, por involuntaria, qualquer ommissão.

*

Na Italia:

Thomazo Cannizzaro, o distinctissimo poeta das tempestades do Amor no *Uragani*, que, ammadurecido em annos, vasou nas formosissimas estrophes do *Cinis* e do *Quies* toda a sua sensibilidade, experiencia e erudição, revelando-se-nos tão surprehendente philosopho como encantador poeta, porventura, porque, cerrados os seus olhos para as coisas d'este mundo (o grande poeta perdeu a vista) melhor e mais claros se lhe abriram para dentro — para os escaninhos da Alma — e para longe — para os mysterios do Alem — : Thomazo Cannizzaro tem, espalhadas por diversos volumes, esmeradas

traduções de Anthero do Quental, M. Duarte d'Almeida, D. Alice Moderno e outros, e em separado, a tradução d'aquella esplendida elegia de Joaquim de Araujo *Na morte de Anthero*, que basta a fazer a consagração d'um poeta. D'elle sabemos que tem, prestes a apparecer, uma tradução completa dos *Sonetos* de Anthero, precedida de largo e consciencioso estudo para o qual o illustre poeta siciliano se valeu de todas as fontes d'informação que lhe foi possivel obter; e ainda, commemorando o 1.º Centenario do nascimento de Garrett, um recolho de poesias do grande poeta elegantemente vertidas para italiano.

Prospero Peragallo: um nobre poeta que, durante a sua residencia em Portugal, colligiu em volume, a que deu o titulo de *Flores da Poesia Portuguesa*, esmeradas traduções italianas de poesias de Anthero, Castilho, Sousa Monteiro, Gonçalves Crespo e outros, tendo ao lado o respectivo original: e em 1895, já em Padua então, a *Canção do Berço* (*Canzone della Culla*) outro encantador poemeto de Joaquim de Araujo. Este mesmo poemeto, *Canção do Berço*, foi ainda tradusido para italiano por Emilio Tesa que em 1896 publicou tambem, em opusculo, a tradução de quatro sonetos de Anthero (*Quattro sonetti di Anthero do Quental, tradotti per D. Gioachim de Araujo*).

A citar ainda:

Antonio Padula, bem digno de menção aqui pelos seus dois estudos criticos: *Camoens e i nuovi poeti portoghesi* (1 vol.) e *I nuovi poeti portoghesi* (1 vol.); *Vittorio Pica* que traduziu a *Belkiss* de Eugenio de Castro, precedendo-a d'um bello estudo sobre este aristocratico e prestigioso artista (a *Belkiss* foi tambem tradusida para francez pelo requintado poeta Philéas Lebesgue e para hespanhol pelo notavel homem de letras D. Luiz Berisso); e *Fernando Galanti* que tradusiu aquellas duas inequalaveis quadras *Zara* que Anthero de Quental escreveu a pedido de Joaquim de Araujo para a sepultura d'uma creança adorada—finesa que Joaquim de Araujo agradeceu com «a mais formosa anthologia de versões, que

uma poesia portugueza tem conquistado». As duas quadras da Zara estão traduzidas para quarenta e tantas linguas e dialectos por sessenta e tantos homens de lettras dos mais illustres de todos os paizes.

*

Na França :

De *Achille Millieu* : — *Poetes portugais* — opusculo com traducções em verso de Thomaz Ribeiro, Castilho, João de Deus, Anthero de Quental, Crespo, Joaquim de Araujo, Gomes Leal, Gomes d'Amorim, Guerra Junqueiro, etc :

De *Henri Faure* : — *Joaquin d'Araujo*, estudo critico ; e a traducção d'umas paginas das *Viagens na minha terra*, sob o titulo de *La jeune-fille aux rossignols*, que apparecerá agora em volume por occasião do centenario-garretiano; e a do *Camões*, com uma *agua-forte* representando Garrett :

De *Brim'Gaubast* : — varias noticias e estudos valiosissimos, em revistas francezas ; e ultimamente, na *Revue Encyclopedique Larousse*, um resumo intelligente e justo da nossa litteratura neste seculo :

De *Maxime Formont* : — *Le mouvement poetique en Portugal* : Larga noticia dos nossos melhores poetas d'hoje, com elegantes versões em prosa ; e a bella traducção do *Frei Luiz de Sousa*, com o titulo de *Le Pélérin*, que, parece, vae ser representado em Paris, com uma conferencia sobre Garrett por Sarcey.

E finalmente, para fechar brilhantemente a lista, um dos mais altos-espíritos da França, que se orgulha, e com razão, de ter por filhos tantos e tão altos espiritos — Madame-Adam deu-nos o *La Patrie Portugaise*, um volume de 398 paginas, que eu saudei entusiasticamente num jornal de Coimbra, em 1896.

Concluiremos esta resenha no proximo fasciculo.

CARLOS DE LEMOS

P. S. — Chegam-me hoje, 13, de Italia os Sonetos de Anthero traduzidos pelo illustre poeta de Messina sr. Thomazo Cannizaro. E' um grosso volume, reunindo tudo quanto ácerca do Grande Mestre anda disperso por varios volumes e revistas: — uma edição dos sonetos de Anthero, como não temos em portuguez. D'elle fallaremos largamente no proximo fasciculo, assim como da primorosa traducção *Os meus Amores* de Trindade Coelho, para hepanhol pelo notabilissimo escriptor D. Raphael Altamira.

Por hoje, agradecemos a ambos a preciosa offerta com que nos honraram.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Boa-Viagem:—E' de Guedes Teixeira, é do Fausto (em primorosa edição de *A Arte*) essa plaqueta em que meia dúzia de paginas, ensanguentadas de versos como só elle os sabe espremer do coração, nos empolgam por alguns minutos no deslumbramento do genio. Recitou-os o extraordinario poeta na recita de despedida do curso do 5.º anno juridico de 97-98; offerece-os ao grande amigo d'elle e meu grande amigo Carlos Fuzzeta e a *Alguem* que a discripção d'uma inicial nem sequer deixa adivinhar—que o *mysterio deve existir até na amizade*.

A quem sabe o que o poeta é, escuso eu dizer-lhe o que os versos são: os outros que o imaginem, dada a falta d'espaco para mais, pela ultima quadra que segue:

«Mas, pr'a o largo esta dôr: o coração que sente

«Não se pode prender á terra, ergue-se ao ar...

«E' metade da vida amar-se immensamente,

«A outra metade... ainda immensamente amar.

A Filha do Pescador: (Separata do Instituto) de Alvaro de Albuquerque, o delicado poeta das *Matinaes*. Umas dezenas de alexandrinos cheios de sentimento e de harmonia, que nos deixam, no fim da leitura, pena de que sejam tão poucos. Nós que lhe applaudimos a estreia na *Mocidade* ha um bom par d'annos aqui o abraçamos de novo enthusiasicamente por mais este innegavel testemunho do seu grande talento e da sua dedicadissima alma. Breve daremos d'elle, na *Salla de visitas*, um inedito das *Palavras Santas*, volume de versos que apparecerá breve. Então diremos mais.

—*Discurso de defesa*.—Um filho de Alexandre que é Alexandre tambem, como seu pae—este Alexandre Braga, cujo discurso d'estreia, proferido na audiencia crime de 17 de outubro de 1898, tenho aqui sobre a minha banca em edição da Bibliotheca da Elite Social.

Saboreando todo o fino encanto d'essas vinte paginas, veio-me uma pena enorme de não ter podido gosar o encanto, muito maior ainda, de o ouvir nessa meia hora do seu primeiro triumpho—primeiro florão dessa corôa de triumphos que lhe hade ser por certo a sua vida de advogado: ou elle não fôra poeta e orador como seu pae: ou elle não tivera herdado a alma dos Bragas—tribunos e apóstolos, mas quer no Fôro quer no Templo, poetas sempre!...

Um abraço muito do coração: e—*away!*

—*Adeus, Senhor Doutor*:—São vinte e tantas paginas de versos, escriptos ao correr da penna—como um cartão que se escreva já na *gare*, sobre a malla, minutos antes de a sineta dar signal de partida—este *adeus* do Xico Pinheiro, que deixou as ruas de Coimbra todas floridas dos rubros sonhos da sua bella alma de bohemio brumellisado...

São d'essa plaquetta, amarella como a pasta que elle sobraçava triumphalmente o anno passado, estas tres quadras que a *Ave-Azul* offerece ás suas leitoras, certa de que lh'as agradecerão, como um precioso mimo:

Tu compraste um Reportorio!
Que tonta! Deix'os em paz.
Conta os dias como eu conto
pelos beijos que me dás.

Reportorios, Reportorios!
Fecho os olhos a tremer
para não contar os dias
que se passam sem te ver.

Reportorios? grita o velho.
E' baratinho, um vintem.
E por elle conto os dias
Em que fui bom para alguem.

O Centenario de Garrett:—Uma generosa ideia em meia duzia de bellas paginas—esta plaquetta do illustre poeta, nosso consul em Genova, sr. Joaquim d'Araujo, reeditando do seu livro *Primeiras Leituras*, que mereceu rasgados elogios aos insignes pedagogistas srs. Dr. Julio de Mattos e Joaquim de Vasconcellos, o artigo em que ha oito annos (em 1891) este benemerito das Lettras Portuguezas, fazendo o pararello entre Camões e Garrett, lembrava já ás creanças de então—que são os moços de hoje—o centenario do auctor do *Frei Luiz de Sousa* que «no apogeo, sahe dos estreitos limites da nacionalidade, para a *montanha espiritual* do seculo, ascendendo ao Pantheon das suas figuras supremas.»

Pedimos licença para reproduzir, como se nossas fossem, as linhas com que fecham as *Duas Palavras* que o precedem, d'onde já extractamos tambem as palavras que vão entre commas :

O dia 4 de fevereiro de 1899 (dia em que faz cem annos que nasceu Garrett) impõe uma consagração... realisa-a é o dever de quantos amamos o incomparavel e maravilhoso artista, cujo nome por si só representa todo um magnifico capitulo da historia da civilização portugueza.

Sabemos que o appello do Sr. Joaquim de Araujo foi, como era natural e justo, attendido por todos os portuguezes, e que o Porto, sobretudo, prepara uma entusiastica apothese a um dos mais illustres, senão o mais illustre, dos seus filhos que para todos quantos amam e cultivam as lettras foi, é e será sempre um Mestre:—Garrett, esse prestigioso Mago, evocando as mais inclytas figuras da nossa Historia e tornando-se por esta forma, talvez a unica verdadeiramente efficaz, o Educador da Alma do Nosso Tempo.

Era já tenção nossa consagrar uma pagina do proximo fasciculo da *Ave-Azul* ao immortal Poeta associando-nos assim, na nossa insignificancia, á homenagem de todo o paiz que ha-de ser e que deve ser brilhantissima. Fica pois, quanto podemos, satisfeito o pedido do Sr. Joaquim d'Araujo a quem muito agradecemos ter-se lembrado do nosso nome.

*
* *
*

Por falta d'espço, ficam ainda sobre a banca, para o proximo fasciculo, os seguintes volumes :

Infelizes de D. Anna de Castro Osorio, *Naufrago* de Affonso Lopes Vieira, *Margaritas* de Ribeiro de Carvalho, *Desoito annos em Africa* de Trindade Coelho, *Arte* (os livros do senhor Alberto Pinheiro) de Julio de Lemos e Paulo Osorio, e o *Almanach Illustrado* do Seculo.

A todos agradecemos a offerta com que nos honraram; e a estes pedimos nos desculpem a demora involuntaria.

CARLOS DE LEMOS.

P. S.—Chegam-nos de Coimbra, em folha volante do prestimoso editor e nosso presado amigo França Amado (preço 10 reis) as *Cantigas para o Fado e para as Fogueiras do S. João*, colligidas por iniciativa dos dois excellentes poetas Augusto Gil e Affonso Lopes Vieira.

E' collaborado por Augusto Gil, Teixeira de Paschoaes, Antonio Macieira, Alberto Pinheiro, Humberto de Bettencourt, Pereira Barata, Guedes Teixeira e Affonso Lopes Vieira.

Não basta isto para ficarem sabendo os meus leitores que preciosissimo thesouro podem obter por dez reis?...

REVISTA DAS REVISTAS

Para as Creanças.—E' a revista das creanças : e que linda e que encantadora revista esta, agora ainda mais atrahente por alternarem os contos maravilhosos com os contos da *Alma Infantil*, cujo 1.º fasciculo tenho á vista! Só uma alma de mulher, e de mulher como a elegante e já illustre prosadora do *Infelizes* — a Sr.ª D. Anna de Castro Osorio —, é que podia ter, e realisar, a generosa ideia de entreter e, o que é mais, o que é tudo! — de educar o coração das creanças por meio d'uma publicação a ellas destinada e assim amorosamente redigida. A ella nos havemos de referir ainda mais d'espço. Por hoje só isto: é uma publicação que todos os paes devem assignar para seus filhos, como premio, se o mereceram, como estimulo, no caso contrario.

Publica-se em Setubal : preço, anno, 600 reis.

Nova Alvorada :—Revista litteraria que vae já no seu setimo anno: basta a testemunhar-lhe o merecimento. Se accrescentarmos que é seu redactor o Dr. Sebastião de Carvalho, teremos dicto tudo. Primoroso o ultimo numero consagrado á memoria de Michelet. De resto, sempre collaborado pelos nossos melhores escriptores.

Publica-se em Villa Nova de Famalicão.

A Arte.—Directores os nossos amigos Julio Lobato e Verediano Gonçalves : escriptorio da Redacção, rua da Batalha, Porto. Só lhe não gostamos da orthographia: de resto, sempre brillantemente collaborada por escriptores nacionaes e estrangeiros já com o nome feito. Procura ser—e vae mostrando que é—o órgão do movimento intellectivo do paiz. Que prospere. Agradecemos as suas boas palavras ácerca da *Ave-Azul*.

A Má Língua.—Por Lopes d'Oliveira, que o anno passado redigia em Coimbra a revista litteraria *Hoje*. Muito talento e muita independencia. Não terá grande vida a *Má Língua*; mas Lopes d'Oliveira tem por sem duvida um bello futuro nas nossas letras. E' o que lhe desejamos. E obrigado pela offerta.

Educação Nacional.—Órgão do professorado. Independente e intransigente. Bellos numeros os ultimos. Artigos muito bem escriptos e de muita utilidade sempre. E' seu director Antonio Figueirinhas; e seu constante collaborador, entre outros de muito merito tambem, o illustre poeta, illustre prosador, illustre publicista e illustre professor Dr. Simões Dias. E' quanto basta a abonar-lhe os creditos.

Redacção, rua das Oliveiras, Porto.

Gabinete dos Reporters.—Redacção, rua Capello, Lisboa. Boa collaboração litteraria sempre. Justissima a homenagem a França Borges. Promette iniciar no proximo numero a publicação d'um romance original de Alfredo de Mesquita. Para outra vez, fallaremos mais largamente.

Tribuna.—Começou a publicar-se em Lisboa mais esta revista de caracter independente, tractando simultaneamente de politica e de litteratura. O illustre escriptor Sr. Dr. Candido de Figueiredo inaugurou no seu 1.º numero a *Semana Litteraria* com um primoroso artigo sobre o *Desoito Annos* do Sr. Trindade Coelho; este publica tambem uma bella critica do *Naufra-go* de Lopes Vieira. No 2.º numero, interessantissimo o artigo do Sr. Augusto Moreno sobre a *Grammatica Miranda* do Sr. Moraes Ferreira.

Sobre a questão do *Ensino* vae iniciar uma secção collaborada por illustres professores.

Encantadora a secção *Echos* de Ch.-A. Hysson :—conhecem-o ? ou antes : lembram-se do Ch.-A. Hysson do *Portugal* e do *Reporter* ? Pois têm-o lá — como sempre.

CARLOS DE LEMOS.